



HENRIQUE
MANUEL
PEREIRA

*o filme e a
memória*

UM MILAGRE TODOS OS DIAS

Documentário • Argumento



ALPHABIA



O produto da venda desta obra
reverte integralmente a favor
das Irmãzinhas dos Pobres (Pinheiro Manso).

*o filme e a
memória*

HENRIQUE MANUEL PEREIRA

*o filme e a
memória*

UM MILAGRE TODOS OS DIAS

Documentário • Argumento



Índice

9	O Filme e a Memória <i>Henrique Manuel Pereira</i>
21	Créditos iniciais
23	Abertura
27	Fisioterapia
29	A Casa
31	História do Lar
35	Fundadora
37	Peditório
39	Ginástica • Temperamentos
44	História do Lar [2]
46	Lavandaria • Rouparia
53	Feiras • Quinta
57	Associação Joana Jukan
59	Solidão
62	Amores
63	Enfermagem
65	Eucaristia
69	Almoço • Visitas
71	Pinheiro Manso • Vidas
75	Festas

82	A Casa [2]
83	Lista de espera
85	Carisma • Futuro
86	Créditos finais
101	<i>Um Milagre Todos os Dias</i>
103	Um documentário sobre o Lar das Irmãzinhas dos Pobres <i>Rui Saraiva</i>
107	Entrevista com o realizador <i>Rui Saraiva</i>
111	Homenagem às Irmãzinhas dos Pobres <i>M. Correia Fernandes</i>
115	<i>Ser/Fazer Parte</i>

O Filme e a Memória

1.

Ao longo do último decénio, junto às duas árvores da minha geografia íntima – o castanheiro e o imbondeiro –, foi crescendo uma outra – um pinheiro manso. À sua sombra, sob a forma de saudade antecipada ou ausência para sempre presente, me sento com minha Mãe. Sim, também o pinheiro, símbolo de imortalidade, de constância, coragem, força na adversidade e perseverança mais forte do que os ventos – é agora árvore que anda comigo.

Diz-se, e eu acredito, que a gratidão é a memória do coração. A ser assim, é de memória que trata este livro. Nada de particularmente relevante, afinal, uma vez que “o fim para que os homens inventaram os livros foi – segundo o Padre António Vieira – para conservar a memória das coisas passadas contra a tirania do tempo e contra o esquecimento dos homens, que ainda é maior tirania”. Sim, é de memória e de gratidão que trata este livro. É também de justiça. Por conseguinte, reitero o que já disse: devíamos estar-lhes gratos por elas [Irmãzinhas dos Pobres] fazerem sempre, em cada dia e hora, madrugadas incluídas, o que nós tão poucas vezes somos capazes de fazer: ter tempo, cuidar, amar aqueles que aos olhos

de muitos são tão-só máquinas inutilmente avariadas e incómodas.

A 6 de maio de 1995, na homilia da celebração do centenário da chegada das Irmãzinhas dos Pobres ao Porto, D. Júlio Tavares Rebimbas (1922-2010), então arcebispo-bispo do Porto, descreveu-as deste modo:

Discretas e confiantes na infinita misericórdia de Deus, quase não se dá por elas, é o Senhor em tudo, tornado evidente pelo apagamento delas. São um dom de Deus à comunidade, aos mais pobres, mais necessitados, mais esquecidos. Não fazem barulho, não andam no combate à pobreza, não fazem grandiosos gestos de intervenção, nem discursos de dar nas vistas para a plateia, a propósito dos pobres. São as Irmãzinhas dos Pobres, simplesmente. Um convite à esperança.¹

Suponho que o sentimos todos: tratando-se de dizer a gratidão profunda, toda a palavra é precária. Ainda assim, Adília Maia, Alcina Lima, Ana Alice de Pinho, Ana Maria Fugas, António Marques de Sousa, Dalva, Helena Gil da Costa, Maria de Azevedo, Filomena Castro Fernandes, Helena Barbosa, Margarida Valle Peixoto, Maria da Conceição Rodrigues, Maria de Belém Fernandes, bem hajam!; um dia, olhando para trás, julgaremos talvez sonhar, mas estaremos apenas acordados, imensamente irmanados e comovidamente gratos.

¹ “1.º Centenário das Irmãzinhas dos Pobres”. *A Ordem* (18 maio 1995), p. 1.

Há uma polifónica generosidade nestes trabalhos. Estou igualmente grato a quantos contribuíram para a realização de *Um Milagre Todos os Dias*: às Irmãzinhas, pela confiança; aos meus alunos, pela cumplicidade; pela mesma razão, a todos e a cada um, residentes ou não, que aceitaram dar o seu depoimento (após breves minutos, dir-se-ia que pouco importava que ali estivessem câmaras e microfone(s)). A conversa fluía como se entre Amigos, sem escudos nem reservas, em confiança). Para terminar, este livro é-o porque a Margarida Baldaia generosamente lhe deu corpo e cuidou dele.

2.

Este livro fixa o argumento da narrativa fílmica da longa-metragem de documentário com o título *Um Milagre Todos os Dias*, produzido pela Escola das Artes da Universidade Católica do Porto e realizado por quem escreve estas linhas. A pré-produção e rodagem teve início em outubro de 2017, ano em que se assinalava o 225.º aniversário de nascimento de Santa Joana Jugan, fundadora das Irmãzinhas dos Pobres. O filme estreou a 5 de maio de 2018, na passagem do 123.º aniversário da chegada das Irmãzinhas dos Pobres à cidade do Porto e nos 118 anos da inauguração da Casa do Pinheiro Manso.

No âmbito da promoção e divulgação do filme contraímos dívidas de gratidão que desejamos manifestar. Estamos, pois, muito gratos a: Agência Lusa, Agência Ecclesia, *Diário de Notícias*, *Voz Portucalense*, *Jornal de*

Notícias e Mensageiro de Bragança; às rádios, em antena e no *site*, Antena 1 e TSF, bem como ao canal de televisão Porto Canal.

Para que o futuro tenha memória, considerou-se oportuno fixar aqui três textos publicados na *Voz Portucalense*, semanário da Diocese do Porto. Configuram eles certo lançamento e balanço da estreia do filme. O nosso reconhecimento aos seus autores, Manuel Correia Fernandes e Rui Saraiva.

Recomenda-se a entrada neste livro antes ou após o visionamento do documentário *Um Milagre Todos os Dias*. Pela primeira circunstância, com base na palavra e apenas sugerido por uma ou outra imagem, o leitor poderá realizar o que em certos discursos académicos se designa por transposição intersemiótica ou tradução intersemiótica. Não se assuste. De modo simples, ou talvez simplista, trata-se apenas de “fazer o seu filme”. De resto, não daremos aqui lugar àquelas terminologias, como passaremos ao largo de discussões em torno dos conceitos de objetividade, subjetividade, verdade, tipologias da estrutura narrativa, categorizações, modos de representação, análise dos formatos, etc., referentes ao documentário. As vantagens ou desvantagens da leitura deste livro após o visionamento do filme parecem-nos óbvias. Seja como seja, importante é que não deixe de o ver.

Porventura desnecessário, diga-se que nada foi encomendado ou ficcionado em *Um Milagre Todos os Dias*. E, esconjurando dúvidas, diga-se ainda que nos importa,

muito e sobretudo, que o documentário suscite respostas às perguntas que ele lança, sendo-nos quase indiferentes os comentários acerca dele mesmo.

A história e a vida de uma casa mais que centenária, com suas paredes e vidas, não cabem no espartilho de uns sessenta minutos. Nem tudo foi dito e há subtilezas esparsas pelo filme. Na eventualidade de se encontrar nele alguma nota ou contributo artístico, sentir-nos-emos satisfeitos e cumpridos, tanto mais que, a fazer fé nas palavras de Paul Klee, “a arte não reproduz o visível. Ela torna visível”.

Henrique Manuel Pereira

[Porto, 31 maio 2018]

Lar das Irmãzinhas dos Pobres

UM MILAGRE TODOS OS DIAS

Sinais do Infinito no tempo



Um documentário de
Henrique Manuel Pereira

Depoimentos Alexandre Garrett, Amélia Gomes, Antero Cardoso, Belmira Machado, Carmelinha, Carmina de Jesus, Catarina Lobo, Conceição Martins, Emília Barros, Esmeralda Ferreira, Fernanda Costa, Filipe Antunes, Irmãzinha Isabel, Irmãzinha Monserrat, Joel Cleto, Luís Mota, Margarida Braga, Maria das Dores, Maria de Lourdes, Maria José, Maria José Ferreira, Matilde Sima, Narciso Costa, Dália A. Sousa, Padre Almiro Mendes, Padre Manuel Neves, Raquel Pereira, Rosa Afonso, Rosa Cabral, Rosa Cunha, Rui Cunha, Susana Santos, Teresa Soares

IMAGEM BEATRIZ FERREIRA, BRUNA OLIVEIRA, HUGO VASCONCELOS, NUNO FONSECA **GRAFISMO** ANTONIO PAULA, LEONOR ARRIMAR, MIGUEL MAZEDA
ILUSTRAÇÕES MARIA GIRALDES **SOM** BEATRIZ FERREIRA e HUGO VASCONCELOS **MÚSICA** FILIPE MOREIRA **POS-PRODUÇÃO DE SOM** RODRIGO FERNANDES
CORRECÇÃO DE COR ANTONIO PAULA **MONTAGEM** KYLE SOUSA e HENRIQUE MANUEL PEREIRA
PRODUÇÃO BEATRIZ FERREIRA e HENRIQUE MANUEL PEREIRA **REALIZAÇÃO** HENRIQUE MANUEL PEREIRA



CATORCE
FILMES

TALVEZ CANÇÃO

É para ti que correm os meus dias
É para ti que corre tudo.

Antes de ser
Tu me sabias.

Brisa, rio, estações, fruto, regaço, tronco, sol...

Antes de ser, tu me sabias.
Quando tudo esquecer, te guardarei.

Do ínfimo ao infinito – Cuidarei de nós.
Serei colo e tu canção.
Na flor da memória – o tempo e as palavras.
Cuidarei.

Antes ainda, tu me sabias.
Quando tudo esquecer, te guardarei.

Henrique Manuel Pereira
Pinheiro Manso, 13 março 2017

Para
Domitilia Guiomar
(1929-2018)

Desejo profundamente que o estilo de vida das vossas comunidades e a irradiação pessoal de cada uma das Irmãzinhas sejam tais que muitas jovens se interroguem sobre a plenitude da felicidade que invade os vossos corações de mulheres consagradas ao Senhor e que consomem a sua existência quotidiana ao serviço da terceira e da quarta idade.

(João Paulo II, 4 out. 1982)

Jeanne [Joana Jugan] viveu o mistério de amor aceitando, em paz, a obscuridade e o despojamento até à morte. O seu carisma é sempre actual, quando tantas pessoas idosas sofrem múltiplas pobreza e solidões, sendo por vezes até abandonadas pelas suas famílias.

(Bento XVI, 11 out. 2009)

*Para
as Irmãzinhas dos Pobres*



Créditos iniciais

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
Apresenta...

Um filme de
HENRIQUE MANUEL PEREIRA

Produzido por
ESCOLA DAS ARTES

Montagem
KYLE SOUSA
HENRIQUE MANUEL PEREIRA

Abertura

ANTERO CARDOSO

Eu sou cidadão transmontano, nascido no concelho de
Valpaços, a 30 de novembro de 1922.

Eu, cantar, cantava bem,
lá na minha mocidade.
Agora, quero e não posso,
tudo vai da idade.
Mas eu faço-o com carinho,
e ainda vou fazendo
por cantar um bocadinho.

[CARMINA DE JESUS] (*off screen*)

*Quantas vezes me ponho a pensar
No tempo que vai passando, vai correndo
E, depois, eu fico triste ao recordar
Que a velhice já se vai aproximando*

*Adeus, adeus, infância
Partiste há muito tempo
Caminhas muito longe,
Mas sempre para ti fuge
Todo o meu pensamento.*

*Adeus, meus vinte anos,
Adeus, ó mocidade!
Também já te afastaste,
Mas em mim deixaste
Ficar a saudade.*

ROSA AFONSO

Esta casa é... Quem está
como eu estive, dentro,
só pode pensar que é
um autêntico milagre.
Todos os dias. É um
autêntico milagre.







Fisioterapia

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

Como é que é aquela do coelho?

EMÍLIA BARROS

Do coelho? ãh... a do coelho...

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

Quando vier para cá, vai-se lembrar.

EMÍLIA BARROS

Vou-me lembrar.

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

Então quantos quilómetros é que já fez?

EMÍLIA BARROS

Eu já fiz... não sei quantos. Já não sei quantos fiz.

OTÍLIA A. SOUSA

Isso! Que mão tão dura!...

BELMIRA MACHADO

Estão doentes... estão doentes.

OTÍLIA A. SOUSA

O que é que elas têm? Qual é a doença delas, ora diga-me lá.

BELMIRA MACHADO

Não sei.

OTÍLIA SOUSA

... Depois, também não consigo dar resposta a tudo, não é? Mas de resto acho que estamos relativamente bem equipados... para as funções que eles fazem aqui dentro. Portanto, digamos que, no geral, o meu principal objetivo é mantê-los ativos, é evitar que eles fiquem sempre na cadeira de rodas... Mas, depois, também fazemos tratamentos individuais, para aquelas coisas comuns: lombalgias, cervicalgias, essas coisas... As pessoas, por exemplo, que põem próteses no joelho têm vindo cá fazer o seu tratamento, mas isso é mais pontual. Está a doer muito?

MATILDE SIMA

Um bocadinho.

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

Não para?

EMÍLIA BARROS

Não. Não para. Só para quando... tiver de parar.

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

Daqui a um bocado, está em Vila Praia de Âncora.

EMÍLIA BARROS

Está, está...

FILIPE ANTUNES

Uma casa destas, sem recursos próprios – com reformas que andarão numa média dos 300 aos 400 euros, tendo enfermeiros, tendo médicos, psiquiatra, psicólogo..., a massa salarial, que ainda é uma grande fatia do vencimento... – conseguir sobreviver durante tantos anos, só consegue sobreviver, para mim, de dois pontos de vista: o bom trabalho das Irmãs e o reconhecimento das pessoas do Porto face às Irmãzinhas dos Pobres.

NARCISO COSTA

O Porto quase que desconhece esta casa. Quando eu falo dos velhinhos do Pinheiro Manso, confundem sempre com outras casas.

LUÍS MOTA

É impossível. Uma casa como esta... é impossível descrevê-la, não é?

BELMIRA MACHADO

É um céu aberto, com as port... É um céu aber... É um céu aberto, com as por... É um céu com as port... Como é que se diz?

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

Isso não iam acreditar em nós.

BELMIRA MACHADO

Como?

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

Não iam acreditar em nós.

BELMIRA MACHADO

Pois não!

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

Então, temos de dizer a verdade. Como é que é?

BELMIRA MACHADO

Claro. Eu dizia a verdade, que estamos aqui muito bem. Não nos falta nada: higiene, não há melhor; comida, é boa; educação, também. É tudo bom.

ESMERALDA FERREIRA

Nós, por exemplo, habituamo-nos, aqui, a ter tudo. Nós temos aqui tudo. Todas as condições. Tudo, tudo, tudo. Cadeirinha: está com o meu nome, esta cadeira. Dá-me mais jeito... tenho um andarilho, para caminhar... Também tenho um andarilho!

ANTERO CARDOSO

Gosta-se de tudo, tudo, mas... a boa cama é uma coisa boa.

ROSA AFONSO

Os residentes, entrando para aqui, têm tudo. Até o funeral, até o funeral.

História do Lar

JOEL CLETO

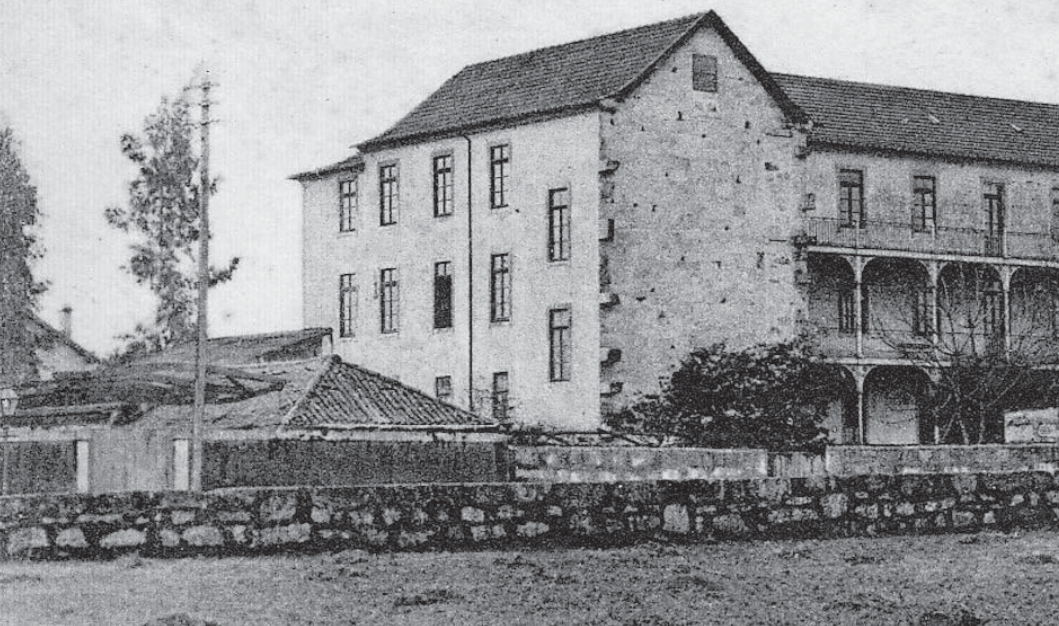
A congregação das Irmãs dos Pobres, mais conhecida como as Irmãzinhas dos Pobres, chega ao Porto em 1895, onde tinha já um percurso de décadas noutros lugares da Europa – tinha surgido em 1830, em França. E instalam-se no Porto, no Largo do Corpo da Guarda, um espaço que hoje já não existe.

FILIPPE ANTUNES

Que era... na baixa do Porto, à beira da estação de caminhos de ferro de S. Bento. No ano a seguir, comprou-se através de donativos de uma baronesa que trouxe a casa aqui para o Porto. Começou-se a casa em Lisboa no ano anterior.

JOEL CLETO

A primeira Pedra é lançada logo em 1897 e a obra não vai demorar muito tempo. Em 1900 está concluída e capaz, na época, de receber 90 idosos. Estamos também numa época em que grassa a tuberculose, há graves problemas sociais, e a verdade é que as Irmãzinhas, embora venham para aqui responder às necessidades da região



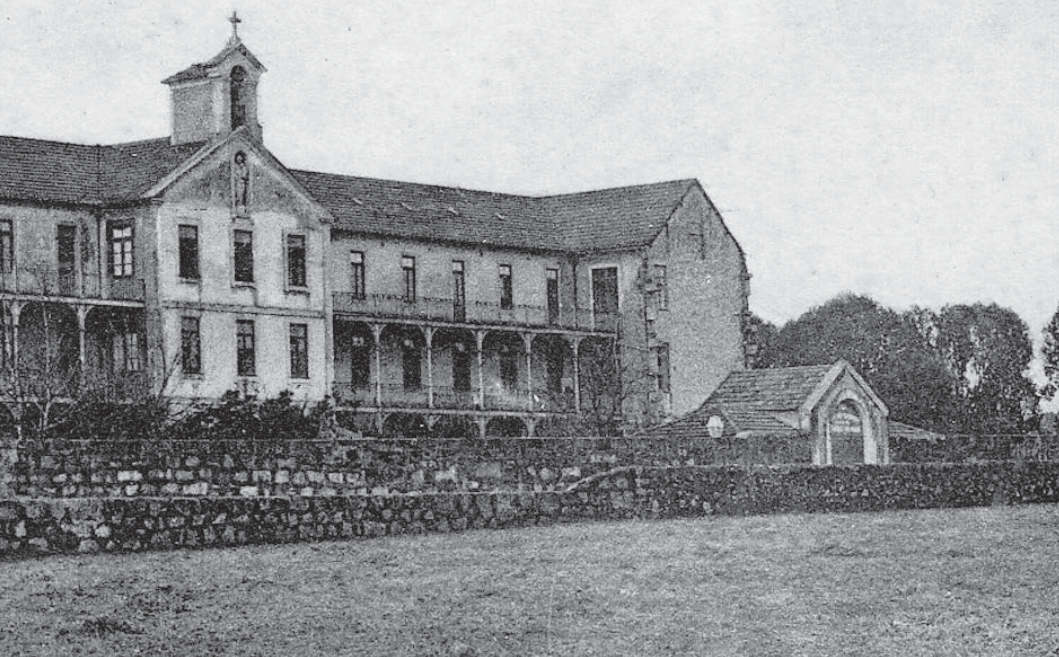
e da cidade, tornam-se uma referência absoluta para as gentes de Ramalde. Eram, enfim, um porto seguro.

RUI CUNHA

Aquando de 1910, da Revolução do 5 de Outubro, houve, nós sabemos, nesses primeiros tempos, nesses primeiros anos – nesses primeiros largos anos –, uma perseguição à Igreja muito grande.

PE. MANUEL NEVES

Toda a gente saiu, porque a República veio assim, com a guerra direta à Igreja. Tudo o que era da Igreja, foi tudo.



RUI CUNHA

E queriam fechar aqui isto.

PE. MANUEL NEVES

Mas o povo do Porto disse: “Se mandam [fechar], arran-
jem quem trate dos velinhos.”

RUI CUNHA

Os comerciantes da cidade do Porto garantiram ao
Estado que haveriam de manter e alimentar esta casa,
porque fechá-la, nem pensar.

ROSA AFONSO

Elas nunca foram embora. Nunca foram embora, mas...
foi a única, acho que foi a única instituição que a República não...

P.^e ALMIRO MENDES

... Talvez também pela fidelidade e pela ousadia da cidade, que, de certa maneira, as protegeu. Julgo que isso foi mais uma nobreza desta cidade, que é da Virgem e que é Invicta, e que teve esta lucidez de perceber o quão importante eram as Irmãzinhas.

ROSA AFONSO

Sei que as Irmãs passaram ali uns bocados não muito bons, mas o que me chegou é que houve sempre muito respeito por esta instituição. Muito respeito.

RUI CUNHA

E a verdade é que hoje, no século XXI, ela está aqui.

P.^e ALMIRO MENDES

Eu fui pároco nesta paróquia de Ramalde durante 23 anos e pude entender o quanto estas irmãs são apreciadas e estimadas nesta paróquia e nesta cidade.

Fundadora

P.º MANUEL NEVES

A fundadora – Santa Joana Jagan, agora – era filha de um pescador, daqueles pescadores que iam para lá para o Canadá e para aquela zona, para a pesca do bacalhau, uns meses sempre.

ROSA AFONSO

Eles eram não sei quantos irmãos, mas eram mais irmãos, e o pai acabou por morrer no mar. Morreu no mar. Os filhos eram pequenitos ainda e ela era a mais velha, e foi ela que ajudou, começou por ajudar a mãe a criar os filhos.



ROSA CABRAL

E ela depois tentava ajudar, não é?, a mãe, os irmãos e tudo, a ir trabalhar onde podia. Sei que ela trabalhou também num hospital...

ROSA AFONSO

Ela dizia: “Eu penso que Deus me tem guardada para um trabalho que ainda não está iniciado.”

IRMÃZINHA ISABEL

Ela trabalhava, mas logo continuou com a sua vida de piedade. Tinha uma vida de piedade. Conseguiu seguir, logo depois, aos poucos... um mistério, foi um mistério. Apanhou a primeira velhinha... Como ela andava a ver os doentes sempre, por aí fora... Uma velhinha tinha uma irmã que a tratava... e deu uma coisa à irmã e ela morreu. E ficou essa velhinha sozinha. Cega e só.

ROSA AFONSO

E o que é que ela resolveu? Resolveu pegar nessa velhinha e levá-la para casa dela. Então, deu a cama dela a essa velhinha e ela passou a dormir no chão. E a partir daí, nesse momento, nasceu a congregação das Irmãzinhas do Pinheiro Manso. Do Pinheiro Manso aqui, porque a congregação é francesa, não é?

FILIPPE ANTUNES

As Irmãs têm um trabalho que não é fácil. Elas saem todos os dias para pedir, à rua... O que elas vivem daqui – as reformas são muito pequeninas –, vivem essencialmente do peditório. Saem à rua todos os dias, durante 365 dias por ano.

ROSA CABRAL

É um bocado complicado, porque é assim: elas, houve uma fase em que tinham muitos benfeitores, que ajudavam muito aqui. Mas, atualmente, já não têm tantos, porque estes benfeitores que elas tinham eram pessoas já com uma certa idade, não é? Tinham fábricas, tinham isto, tinham aquilo, e davam sempre umas quantias e muita coisa para elas, e ajudavam muito. Hoje em dia, muitas das fábricas fecharam, outras passaram para os filhos ou para os herdeiros. Os filhos ou os sobrinhos, ou quem tiver. E muitos desfizeram-se dessas coisas e deixaram de ser benfeitores daqui, não é? E é um bocado complicado.

ANTERO CARDOSO

O que nos vale é que o Banco Alimentar dá muita coisa. No mercado, também. Todas as semanas vamos ao mercado, vem a carrinha sempre cheia; só que às vezes vem muita coisa que não presta.

FILIPPE ANTUNES

O critério de entrada nesta casa é quanto mais baixa for a reforma, mais depressa as pessoas têm acesso.

MARIA JOSÉ FERREIRA

Ficam com muito pouquinho: para sustentar pequeno-almoço, almoço, lanche, jantar, remédios...

ROSA AFONSO

A fundadora, ela própria, durante muito tempo, ela ia com o cesto e com o burrinho pedir, nos arredores de Paris, Cancale, Rennes...

ROSA CABRAL

As Irmãzinhas, todos os dias, andam no peditório, duas. As Irmãzinhas andam todos os dias no peditório e às vezes pouca coisa trazem, não é? Há muitas portas já fechadas.

ROSA AFONSO

Eu fui uma altura com elas e é assim, ouvi coisas que, pronto, não são muito agradáveis de se ouvir. “Ide trabalhar.” “Vivem à custa dos outros”... E é assim, são coisas muito duras de se ouvir para quem está dentro e vê que elas não pedem para elas, não é?

P.^e ALMIRO MENDES

Elas vivem das esmolas e é, na minha opinião, verdadeiramente crucificante andar pelas ruas a pedir para

manter uma casa que tem tantos velhinhos e que precisa deste suporte de recurso financeiro.

MARIA JOSÉ

É um trabalho de doação completa, não é? É uma entrega absoluta. E, muitas vezes, se calhar, não são bem compreendidas.

ROSA AFONSO

É, é... Porque é ingrato, não é? Elas muitas vezes saem, saem de manhã, e se calhar chegam à hora do almoço para a refeição e têm... Às vezes, vêm de mãos vazias, outras vêm de mãos cheias. Mas não desistem. Não desistem.

LUÍS MOTA

Não desistem. É, mas às vezes, é... é admirável. Isto é de admirar, esta casa.

[SENHORA NO CORREDOR]

Bom dia.

Ginástica • Temperamentos

[CATARINA LOBO]

Dez. Nove... e um, dez. Vamos trocar.

Oh, e a palma? Boa.

Nove... e um, dez. Vamos baixar.

Oito... Nove...



Três... D. Carminda. Quatro...
Ah, muito bem, hem? Obrigada por terem vindo.

ROSA CABRAL

Este mais pequenino... Este prato mais pequenino é
para um senhor que quer comer sozinho.

MARIA JOSÉ FERREIRA

Educação, princípios diferentes. Educações muito
diferentes.

RAQUEL PEREIRA

... Muito difícil. Gerir muitos problemas. Às vezes, as
pessoas idosas também têm personalidades... difíceis.

FERNANDA COSTA

Eu gosto de todos... Mas é arisca! É brava...

[IR. MARIA DA SAGRADA FAMÍLIA]

Mas o que quer dizer “ser arisca”?

FERNANDA COSTA

Que é má. É arisca e... e bate na Leonor...

EMÍLIA BARROS

Porque ela me acusa... porque ela me acusa de eu dormir
na missa!

FERNANDA COSTA

Pois, e dorme, sim senhora. Dorme, sim senhora.

EMÍLIA BARROS

E eu... e eu chamei-a mentirosa!

[IR. MARIA DA SAGRADA FAMÍLIA]

Ai, meu Deus! As senhoras não se zanguem, não se zanguem.

FERNANDA COSTA

Não, não sou mentirosa, não senhora!

RAQUEL PEREIRA

Às vezes exaltam-se, mas facilmente vêm pedir desculpa.

FERNANDA COSTA

Aqui, a D. Olímpia, espetáculo! A D. Olímpia? Ah, maravilha!

EMÍLIA BARROS

E é mentira. E é mentira!

FERNANDA COSTA

Não é mentira, é verdade!

EMÍLIA BARROS

E é mentira!

FERNANDA COSTA

É mentira, sim, senhor!
Não é mentira, é verdade!

ROSA CABRAL

Ela não queria que lhe cortassem o cabelo. Todos os dias tínhamos de lhe fazer um puxinho. Tinha o cabelo todo branquinho. Depois íamos dar banho e tudo... Depois era muito engraçada, que era assim: “Está um bocadinho para lá.” Depois, eu tentava pô-lo direito e ela punha a mão: “Está um bocadinho para cá.”

FERNANDA COSTA

A D. Emília estava a cantar? A D. Emília deveria estar a dormir. Com o sono! Não dorme de noite, ela não dorme de noite...

EMÍLIA BARROS

Oh, outra mentira! Outra mentira.

ROSA CABRAL

E eu: “Acha, D. Emília? Acho que está bem.” E ela: “Não, Rosinha, não está. Está um bocadinho, ligeiramente, um bocadinho para lá.” E eu tornava a desmanchar o puxo, e tornava a fazer. “E agora?” Ela tornava a pôr a mão: “Ainda não está bem, tem de pôr um bocadinho mais para lá.”

FERNANDA COSTA

Não. Cantar?

EMÍLIA BARROS

Não.

FERNANDA COSTA

Quem canta, sou eu!...

História do Lar [2]

ROSA CABRAL

A gente tem de começar logo de manhã e pôr tudo mais ou menos, para chegar à hora em que as enfermarias vêm buscar os carros térmicos... Porque as enfermarias vêm primeiro buscar a comida do que os da sala mista. Porque os da sala mista são os que dormem no segundo andar e são os que comem, que estão mais válidos, que comem pela mão deles. Os das enfermarias, não. Têm de vir buscar os carros térmicos com a comida mais cedo, porque têm de preparar... têm de preparar as coisas para levar, não é?

ROSA AFONSO

As Irmãzinhas começaram a ser cada vez menos, não é? Menos vocações, menos Irmãzinhas, mais exigências...

ROSA CABRAL

Quando eu vim para cá, há 41 anos, eram à volta de 180-200 utentes, velhinhos. Homens e mulheres, e casais. E éramos nove empregadas e dezasseis Irmãzinhas.

ROSA AFONSO

É, mas era muito, muito diferente. Muito... muito diferente.

ROSA CABRAL

Porque era... era mais à base de dormitórios. Era dividido por cortinas e tínhamos mais camas.

ROSA AFONSO

Depois, com o 25 de Abril, aquilo foi... foi uma “catacumba”, mudou tudo.

ROSA CABRAL

Depois, entretanto, eles fizeram obras e modificaram. Fizeram quartos e ficou... ficaram três em cada quarto. Pronto, já foi mais... Mais tarde fizeram mais obras e ficou um em cada quarto.

ROSA AFONSO

Claro que dá muito mais trabalho. É preciso mais mão-de-obra.

ROSA CABRAL

Mas também tenho de lembrar que na altura nem havia voluntários, nem havia nada.

Lavandaria • Rouparia

ROSA AFONSO

Portanto, era tudo feito pelas Irmãzinhas: o pão, a roupa era tudo feito... lavada à mão...

CÁRMEN CUNHA

Não consigo imaginar, mas devia ser complicado...

ROSA CABRAL

As dificuldades eram outras, porque... Passo daqui para a enfermaria, por exemplo. Na enfermaria, não havia fraldas descartáveis, não havia nada disso, naquele tempo. Não havia nada disso, era tudo... Na lavandaria, não havia as máquinas que há hoje.

IRMÃZINHA MONSERRAT

Eu vivi. Eu vivi ainda esse tempo. E ainda não tínhamos máquinas e lembro-me que lavávamos e púnhamos toda a roupa num – quando eu era noviça ainda... – num tanque enorme, punha-se a roupa lá dentro a amolecer.

ROSA AFONSO

E lembro-me de a Irmãzinha Rosa dizer que, no inverno, às vezes: “Olha, venho para aqui com montanhas de roupa”, não é? E diz ela: “Olha, às vezes chegava... Saía daqui com as mãos... geladas.”

IRMÃZINHA MONSERRAT

Depois, com esse sabão de bocados, tirava-se a roupa, ensaboava-se bem, batia-se e esfregava-se bem à mão, e depois corava-se e punha-se a secar nos estendais. Tinha de carregar, pegar na roupa. Se houvesse carro para facilitar levá-la, bom. Senão, tinha de pegar nas coisas a pulso, como se diz. E íamos ao estendal e estendia-se. Havia que secar a roupa toda ao ar e ao sol... Agora é muito diferente, porque a gente põe amaciador, seca na máquina e fica a roupa macia. E quando alguma peça fica por aí, a gente sente a diferença. Fica áspera. Ou seja, também tinham esse sacrifício, naquele tempo, não só o trabalho que a gente fazia, mas as pessoas que recebiam a roupa, porque estava áspera.

CÁRMEN CUNHA

Eu acho que elas têm um papel de louvar, porque todas elas agora são de idade, e nenhuma para, não é?

[MANUELA VIEIRA]

Até logo, bom trabalho!

ROSA CABRAL

Não havia nada, nem passar a ferro... Têm uma máquina enorme que metem os lençóis de um lado e saem do outro... Naquela altura não era nada disso, tinha de ser tudo passado à mão, não é?



AMÉLIA GOMES

Aqui, olhe... Como se vê, dobra-se roupa lavadinha, que vem lá de dentro, limpinha, cheirosinha, quentinha, que sabe bem no inverno. A gente pega-lhe assim nos ombrinhos e faz assim... Então não é tão bom? É ginástica.

MARGARIDA BRAGA

Ó Verinha...



VERINHA

Diga.

MARGARIDA BRAGA

Estava tudo muito bem, Verinha.

VERINHA

Estava tudo bem?

MARGARIDA BRAGA

Olhe... para outra vez, também leva o lençol da minha cama...

VERINHA

Ah, para a semana...

MARGARIDA BRAGA

É assim, como ela faz...

VERINHA

É para a semana, não é?

MARGARIDA BRAGA

É, é, é.

AMÉLIA GOMES

Estamos a trabalhar, não estamos a falar da vida alheia, nem estamos a fazer cera. É andar sempre para a frente. Lidamos com coisas lavadinhas, a cheirar a lavadinho. E tudo isto nos ajuda a levantar para cima. É bom. Não estar a pensar no dia do Além... que esse vem de qual-quer maneira.

ROSA CUNHA

Feliz de quem trabalha e de quem entra aqui. É a coisa melhor da vida. É a gente entrar aqui, nesta casa.

CÁRMEN CUNHA

É uma família, era... onde eu gostaria de estar mais tempo. Gostava de ser ainda mais útil, porque não é aquela ideia que a gente tem de um lar onde as pessoas estão ali sentadas, numa cadeira, ali a ver passar o tempo. Não; elas estão sempre a tentar que as pessoas estejam ocupadas. Aquelas que ainda estão válidas, não é?

ESMERALDA FERREIRA

Ah, também vou para o trabalho, para a costura. Para os trabalhos manuais, que é lá em baixo, no rés-do-chão. E gosto muito também de ir para lá.

ROSA CUNHA

Temos a capela... Ir para a capela quando a gente quer. Tem tudo o que é de bom. Graças a Deus. Eu gosto muito de ir às quatro horas para a capela. Até às seis e meia. Todos os dias. Todos os dias.

CÁRMEN CUNHA

Bom dia. Posso pôr mais trabalho?

ROSA CUNHA

Faça favor.

[CÁRMEN CUNHA]

Com licença.

ESMERALDA FERREIRA

E também fizemos, agora, quando foi para Fátima, dos cem anos, fizemos muitas saquinhas, muitas, muitos trabalhos para apresentar.



ANTERO CARDOSO

Elas, às vezes, fazem feira. Fazem ali uma feira, uns dias.

CÁRMEN CUNHA

As feiras são a nossa tentativa de angariar um bocadinho mais de dinheiro e de ajudar, porque felizmente temos sempre muitas pessoas que gostam de trazer para cá aquilo que já não lhes faz falta. E às vezes coisas bastante... bastante boas, não é?

CONCEIÇÃO MARTINS

Havia velhinhos que ajudavam muito. Agora os velhinhos praticamente não... Ajudam nas tarefas: na lavandaria, no batateiro, nos trabalhos manuais... Em coisas, pronto, descascar batatas, cenouras, pronto, os legumes. Na lavandaria, nas roupas (não sei se já foram lá...). Mas antigamente havia velhinhos que vinham com força, vinham com 70 anos, com 75, mas vinham com genica. Hoje os velhinhos já vêm muito debilitados, vêm com oitentas e já não vêm com essas capacidades.

ROSA AFONSO

Quando vêm são muito... já estão muito limitados, não conseguem fazer quase nada, não é?

CONCEIÇÃO MARTINS

Então, íamos para a quinta com eles, não era, Rosa? Íamos para a quinta com eles semear batatas! Era uma dor de pernas, no outro dia! Íamos semear batatas com eles e, passados os três meses, íamos apanhar as batatas com eles. Outra vez outra dor de pernas!

ROSA CABRAL

Mas as Irmãzinhas perguntavam-nos quem de nós queria ir, não nos obrigavam...

CONCEIÇÃO MARTINS

Se nós queríamos ir...

ROSA CABRAL

Não nos obrigavam...

CONCEIÇÃO MARTINS

Era uma romaria, era uma romaria...

ROSA AFONSO

E era muito interessante. Isso ajudava imenso. Ajudava na parte da ocupação dos velinhos e também na parte, depois, das favas, e das ervilhas, e do feijão, e das coisas que eles tinham lá. E eles tinham muito brio nisso.

ANTERO

Mas trabalhar já não posso, na terra. Ainda ajudei a semear muita batata, ainda... Embora ainda esteja direitinho, mas a força já é pouca.

ROSA CABRAL

A quinta... Tudo o que nós tínhamos... que era utilizado aqui para a cozinha, era tudo cultivado ali, tudo. Tínhamos uma Irmãzinha que se encarregava da quinta, com uns xis velhinhos que ajudavam.

ANTERO

Estava aqui um empregado chamado Abílio, e ele tinha um tratorzito velho, mas ainda fazia o trabalho...

ROSA CABRAL

Era as batatas, era os legumes, tudo lá, era favas, era feijão-verde (vagens, não é?), feijão verde...

CONCEIÇÃO MARTINS

Tudo o que fosse, conforme as épocas.

ROSA CABRAL

E a fruta!

ANTERO

Tínhamos um aradinho de mão... Eu lavrava, e eles, à frente, puxavam... E tivemos aí um bocado grande de

batata, e feijões, e abóboras... Aqui dava tudo. A terra é boa, o que é que...

ROSA CABRAL

Era assim, mas aqui colhia-se tudo. Era tudo feito aqui, a quinta... agora está quase tudo a relva e mesas. Antigamente era tudo cultivado, tudo cultivado, tudo.

CONCEIÇÃO MARTINS

Agora vem do peditório, vem dos benfeitores...

ROSA CABRAL

Vão ao Mercado Abastecedor...

CONCEIÇÃO MARTINS

Vão ao Mercado...

ROSA CABRAL

À quinta-feira.

CONCEIÇÃO MARTINS

Vão ao Mercado... também a benfeitores do Mercado, não é?

ROSA CABRAL

Que dão...

CONCEIÇÃO MARTINS

E também temos a ajuda do Banco Alimentar...

Associação Joana Jugan

ROSA CABRAL

É a Associação Joana Jugan. A Associação são pessoas... também temos colegas que pertencem.

CONCEIÇÃO MARTINS

Fazem voluntariado...

ROSA CABRAL

É, quando podem, fazem voluntariado. As que são colegas ajudam fora do horário, as que não são, são pessoas que têm o emprego delas, mas de vez em quando vêm aqui ajudar, ou ao nível de trabalho ou ao nível de coisas, também, que trazem. Temos um senhor, que tem uma quinta lá para a Régua, não é?

CONCEIÇÃO MARTINS

É.

ROSA CABRAL

Que tem uma quinta, parece, lá para a Régua, que de vez em quando vem cá trazer azeite...

CONCEIÇÃO MARTINS

Vem trazer batatas, vem trazer azeite, vem trazer uvas, vem trazer essas coisas todas... quando pode.

ROSA CABRAL

Quando pode, vem ajudar também...



ROSA AFONSO

Vi, olhe, vi coisas ali na Secretaria que me marcaram muito, marcaram muito a nível emocional até. Muitas vezes, muitas vezes chorei ali com os velhinhos. Eles... muitos velhinhos, que já estão na Eternidade, chegavam-me ali e, havia lá sempre uma cadeirinha disponível, eles sentavam-se e começavam a contar as coisas, o que foi a vida deles...

ANTERO

Pois custou. Deixar a minha casinha, que tanto me custou a fazer... Mas... não podia ter lá a minha mulher doente... tive de vir.

CATARINA LOBO

Depois temos um senhor que está cá desde 1988, não tem família, não tem visitas e permanece feliz, se lhe perguntarem...

[SEBASTIÃO AMARAL]

Sr.^a Dr.^a!...

CATARINA LOBO

Olhe, o meu Sebastião! Então, Sebastião?

...

Não tem lá nada onde trabalhe?



[SEBASTIÃO AMARAL]

Nada!

CATARINA LOBO

Então quer ir andando que eu já lá vou ter consigo?

Espera lá por mim?

[SEBASTIÃO AMARAL]

Espero, sim.

CATARINA LOBO

Pode ser?

[SEBASTIÃO AMARAL]

Pode.

CATARINA LOBO

Até já.

[SEBASTIÃO AMARAL]

Pois, então até já.

CATARINA LOBO

É o Sr. Sebastião. Ele é de mais. Está sempre a perguntar por mim, quer que eu lhe dê muito trabalho. Ou seja, o trabalho dele consiste em fazer bolinhas... bolinhas... bolinhas... bolinhas de todas as cores, para o manter ocupado.

ROSA AFONSO

E pude ver muitos, muitos residentes que morreram aqui, que morreram muito... com muito sofrimento. Muito sofrimento porque é assim: eles sentiam-se, sentiam que tiveram uma vida cheia de trabalho, de preocupações, de canseiras... Adquiriram as suas pequenas coisas – porque os velhinhos que estão aqui são todos... não são ricos, mas, pronto, todas as pessoas têm as suas coisinhas pessoais e têm o seu pezinho de meia, pode ser pouquinho, mas muitos desprenderam-se daquilo que foi o trabalho de uma vida, em favor de um sobrinho, em favor de um filho, dos filhos, em favor de... E depois sentiam-se... excluídos.

CONCEIÇÃO MARTINS

Ainda houve, não houve?

ROSA CABRAL

Houve no meu tempo...

CONCEIÇÃO MARTINS

Houve no teu tempo...

ROSA CABRAL

Estava cá um casal... Vieram para cá, os dois, só que não estavam casados. E como não estavam casados, as Irmãzinhas não permitiam que eles dormissem nos quartos de casais... Então ele dormia na enfermaria... Ela dormia no 2.º andar de senhoras, e ele dormia no 2.º andar de homens. E pronto, lá se encontravam, aqui durante o dia, e assim... Pronto, andaram algum... ainda bastante tempo, até que chegou uma altura que as Irmãzinhas disseram que isso assim não podia ser. Então, se eles gostavam um do outro e estavam aqui dentro, que era melhor era casarem. E fizeram o casamento ali em Ramalde, na Igreja de Ramalde!...

Agora, tínhamos aí um velhinho que – coitado, ele quase já nem andava, nem nada – mas tinha a mania que... pronto, que queria arranjar uma senhora para se casar. Então, qualquer uma que lhe aparecesse, ele pedia-a em casamento! E elas já se riam com ele, porque

já não o levavam a sério, porque ele nem se podia vestir, nem se podia governar a ele próprio, para que é que queria uma mulher, não é?

Enfermagem

[SUSANA SANTOS]

Bom dia, Sr. Lima!

[LUÍS LIMA]

Bom dia!

[SUSANA SANTOS]

Passou bem a noite?

[LUÍS LIMA]

Bem!

[SUSANA SANTOS]

Até já.

RAQUEL PEREIRA

Eu estou a preparar a medicação para 62 pessoas. Todos os dias é a medicação preparada. Temos sempre tabuleiros adiantados para uma semana, porque, caso aconteça alguma emergência, temos sempre a medicação adiantada.

SUSANA SANTOS

Há uma preocupação não só de cuidar, mas de dar muito carinho e muito amor. Isso percebe-se. Há uma diferença muito grande para com os outros lares.

RAQUEL PEREIRA

Convivemos com os idosos muito tempo e... não conseguimos ser só enfermeiros. Muitas vezes somos confidentes, muitas vezes batem-nos à porta cinco vezes e sabemos que não é um medicamento...

SUSANA SANTOS

Não há muitos lares hoje assim, não há. Hoje é ter um idoso no lar para o manter alimentado, para o manter com um teto, mas tudo o resto é ignorado, e aqui não.

RAQUEL PEREIRA

Porque muitos deles não têm família, são abandonados, não têm ninguém para falar... Depois veem uma visita de alguém e ficam tristes, porque gostavam também que o sobrinho, ou que uma amiga, um afilhado, viessem cá, mas as pessoas acabam por se esquecer deles, e nós, muitas vezes, somos essa família que não há.

NARCISO COSTA

Sinto-me bastante bem, sinto-me bastante bem, vinha aqui à missa, como eu sou organista e dirijo coros, trazia aqui o coro de vez em quando – duas ou três vezes por ano –, mas prontamente se verificou a necessidade de que a própria comunidade tivesse o seu próprio coro. Eles aderiram muito bem, são à volta de quinze. Eles sentem-se muito importantes.

E aos domingos cantamos sempre a missa das 11 horas, ininterruptamente.

ALEXANDRE GARRETT

É, é importante para eles perceberem que também existe outro mundo para além das crianças. E é ótimo ver a interação que eles fazem na missa com as próprias pessoas que estão todas à volta deles. E é algo que eu acho que é muito engraçado para ambas as partes.







Almoço • Visitas

MARIA JOSÉ

Podendo vir a qualquer hora é porque não há nada a esconder, está tudo bem, não é? Acho que é a transparência completa.

ROSA AFONSO

Quem chega, entra e visita a pessoa. Porque, lá está, o “carisma” é muito familiar...

MARIA JOSÉ

Quando é condicionada a visita, a gente... Naquela hora... estão limpinhos, ninguém está a fazer barulho... estão bem, mas, no resto, a gente não sabe...

ROSA AFONSO

Nós também se formos visitar um familiar não temos horas para o ir visitar. Chegamos, batemos à porta, entramos!

ESMERALDA FERREIRA

É, isto aqui... Eu... toda a gente diz: “Isto não é um lar, é um hotel!”



[CARMINA DE JESUS]

*Ribeira até à Foz,
Vão passando por nós,
As águas do rio Douro
Que caminham sem descanso,
E sempre a caminhar,
E sempre a passear,
Toda a rua vem dar
Ao Lar do Pinheiro Manso!*

CATARINA LOBO

Costuma cantar com as Irmãzinhas? Costuma?

EMÍLIA BARROS

Não.

CATARINA LOBO

Não?

EMÍLIA BARROS

Não.

CATARINA LOBO

Então, costuma cantar com quem?

EMÍLIA BARROS

Comigo!



CATARINA LOBO

Sozinha?

EMÍLIA BARROS

Sozinha...

CATARINA LOBO

Ai é?

EMÍLIA BARROS

É!

CARMINA DE JESUS

É, sim senhor! Já dei com ele. Está aqui. O meu livro está aqui!

CATARINA LOBO

E com a mãezinha, não canta para ela?

EMÍLIA BARROS

Para ela também canto!

CATARINA LOBO

Quais são as músicas que costuma cantar para ela?

EMÍLIA BARROS

Não sei.

CARMINA DE JESUS

Eu gostei sempre muito de cantar e, olhe, um dia, não sei, por intermédio das pessoas que realmente diziam que eu devia fazer um livro... e fez-se assim um livro com coisas que eu comecei a fazer dedicadas cá ao Porto.

MARIA JOSÉ FERREIRA

Eu estive... Conhece os Armazéns da Capela, a Pompadour, que é nas Carmelitas, esquina da Cândido dos Reis? Olhe, eu sou esta. Veja a pose, a minha pose... Nunca usei um decote! Nunca usei minissaia! Tudo o que fosse indecência não era comigo, não tinha temperamento... No entanto, era uma rapariga muito bem feita, bonita e tudo isso. Sou esta, que vai com o chapéu na mão, faz favor de ver. O meu vestido... sobriamente... os joelhos tapados... É ou não é? Sou velha na idade, mas nova no espírito! Eu tenho 92 anos! Dá-me vontade de rir, quando digo... eles até se riem!

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

Que idade teria aí?

MARIA JOSÉ FERREIRA

18, 20 anos... Aí era uma rapariga bonita, mas com muito juízo!

ROSA CABRAL

E nós muitas vezes também representamos para eles, fazemos coisas também... Outras vezes eles fazem junto connosco também...

[ESCUTEIRO]

... Agora que já todos viram como é que é, vamos todos tentar com os meninos, OK? Nem que seja de uma forma simples, mas vamos tentar. Devagarinho, muito devagarinho, para começar...

[PAULA SANTOS]

Das peças, se calhar a mais em conta que estará aqui...

[PÚBLICO]

1000 euros!

[PAULA SANTOS]

... será de 1500 euros, a mais em conta!... Trabalhamos com sedas... Pagar a prazo? Pode...

ESMERALDA FERREIRA

Temos festas, representamos, fomos cantar a Lisboa...

MARIA DE LOURDES

Ai, ai é verdade! Faz hoje oito dias, fui para Lisboa...
Ai, então, eu estou tão importante!



FERNANDA COSTA

Quando fomos a Lisboa, quando fomos a Lisboa!...

TERESA SOARES

Ela cantou a “Madalena” e a outra canção...

FERNANDA COSTA

E a canção é “Santa Maria de Lamas”!

ESMERALDA FERREIRA

É, fomos cantar, pronto, várias canções, a Lisboa, à outra casa... Aquilo também... Ai, gostei tanto! Aquilo é um espetáculo!

MARIA DE LOURDES

Venha, venha, para não ser eu sozinha! Fique aqui, fique aqui!

FERNANDA COSTA

Ai que lindo, fomos todas bonitas, tudo cantou bem! Cantámos o coro e tudo!

MARIA DE LOURDES

A mim soube-me a pouco!... Eu nem sabia onde era a rua de Campolide!...

MARIA DAS DORES

Eu conheço, porque conheço aquilo.

MARIA DE LOURDES

Ai, mas eu não...

MARIA DAS DORES

Vivi lá quatro anos, na casa...

MARIA DE LOURDES

Ah, e eu estive lá quatro horas, se calhar...

FERNANDA COSTA

Eu sei cantar...

[IR. MARIA DA SAGRADA FAMÍLIA]

E dançar!

Cantar e dançar, maravilha, um espetáculo!...

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

Não acredito!

FERNANDA COSTA

Acredite, palavra!

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

A ver, a ver!...

FERNANDA COSTA

E dancei também em Lisboa...

[IR. MARIA DA SAGRADA FAMÍLIA]

Então vamos tirar a mesa que é para poder... poder dançar. Pode ser, D. Emília?

EMÍLIA BARROS

Tirar a mesa, não!

[IR. MARIA DA SAGRADA FAMÍLIA]

Que é para ela dançar, depois continua...

EMÍLIA BARROS

Dançar?!

FERNANDA COSTA

Sim, sim!

EMÍLIA BARROS

Vai dançar?

[IR. MARIA DA SAGRADA FAMÍLIA]

Vá, depois continua, pode ser?

EMÍLIA BARROS

Bem, bem, vai tudo abaixo!

[IR. MARIA DA SAGRADA FAMÍLIA]

Vai tudo abaixo, isso mesmo. ... Isso vai cair... Ela tem de ter espaço, se não vai cair na mesa...

FERNANDA COSTA

Se não caio!

[IR. MARIA DA SAGRADA FAMÍLIA]

Eu arranjo isso.

FERNANDA COSTA

A Irmãzinha arranja...

[IR. MARIA DA SAGRADA FAMÍLIA]

Eu arranjo, eu arranjo!

FERNANDA COSTA

Está-se a perder tempo!

[IR. MARIA DA SAGRADA FAMÍLIA]

Pois é!



FERNANDA COSTA

Está-se a perder tempo, como é que é?!

[IR. MARIA DA SAGRADA FAMÍLIA]

Vá lá, D. Fernanda, mas não tem muito espaço, tem de ser aqui...

FERNANDA COSTA

*Ó Santa Maria,
terra onde eu nasci,
quantas vezes, lá fora,
eu chorei por ti!
Trabalhando, rezando,
por vezes cantando,
eu pensava eu ti...
Eras tu, eras tu, ó Madalena!
Eras tu, eras tu, o meu amor!*

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

Não há dúvida...

FERNANDA COSTA

Espetáculo, espetáculo, fixe!

[HENRIQUE MANUEL PEREIRA]

D. Fernanda, nesta casa, é sempre assim...

FERNANDA COSTA

É sempre assim!

CARMINA DE JESUS

E é tudo, aqui no Lar das Irmãzinhas é tudo o que se precisa!

ROSA AFONSO

Tudo o que vem para esta casa é bem gerido, é muito bem gerido, muito bem aproveitado, muito bem organizado!... Eu acho que elas fazem com... aqui nesta casa, fazem com 5 o que lá fora, noutras instituições, não fazem com 1000...

ALMIRO MENDES

Costumamos dizer que as congregações religiosas hoje já não têm esta capacidade de serem ímanes que atraem os jovens. Aqui vejo o contrário, nas Irmãzinhas dos Pobres. Apesar de tratarem de velhinhos, são muitos os jovens que vêm de várias paróquias, para fazerem aqui voluntariado.

CARMINA DE JESUS

Porque é que nenhum homem me liga?
Isso é que eu ainda não descobri.
Mas eu vou pôr um leteiro nas costas que diga:
“Sou solteirinha desde que nasci!...”

Ai que tristeza tamanha, só me apetece chorar
Resolvam-me este problema!

Os senhores têm que me ajudar!
Porque o tempo vai passando,
A idade vai aumentando,
A velhice vai chegando,
E eu vou desesperando
Porque não arranjo marau.

Por isso eu rogo aqui o meu pedido:
Arranjem-me vocês um marido,
Nem que seja um encolhido,
Ou tenha um olho de vidro,
Ou mesmo uma perna de pau!

Acabou... E que tal? Não contava com esta? Não...

Lista de Espera

FILIPE ANTUNES

Elas são 12 a 15 irmãs que continuam a acolher pessoas.
A casa está cheia, tem uma lista de espera.

MARIA JOSÉ

Ai sim, sim. Olhe, ainda há bocadinho saiu daqui uma
senhora que vinha era pedir para a mãe...

ROSA AFONSO

E às vezes, numa hora, são três pedidos: é do hospital,
um velhinho que tem de ter alta... um velhinho que não

tem retaguarda, que não pode estar sozinho em casa,
que está doente... Imensos, imensos pedidos!

MARIA JOSÉ

Eu estou aqui à segunda-feira e deve ser raro o dia em
que não há ninguém a pedir.

ROSA AFONSO

Eu tenho a certeza de que, se as Irmãzinhas fizessem
um outro edifício igual a este, estava cheio.

MARIA JOSÉ

É uma impotência, não é? A gente não tem capacidade,
a casa não tem capacidade...

CATARINA LOBO

E no fim perguntam-me, tal como eu disse há bocado:
“E um Lar como o vosso, onde é que eu o encontro?”
E eu respondo: “Em Lisboa, que é onde temos a nossa
outra casa.”

ROSA AFONSO

O carisma é: cada dia, Deus cuida dos seus, Deus não falta. E de facto, não falta mesmo, não falta mesmo!

RAQUEL PEREIRA

Já passei por muitos lares, feliz ou infelizmente, e acho que não existe nenhum lar com esta qualidade, com esta excelência, como as Irmãzinhas.

RUI CUNHA

Esta casa é um milagre, esta casa é um milagre, mas é um milagre diário. Só que será um milagre enquanto nós deixarmos e quisermos.



Créditos finais

DEPOIMENTOS

ALEXANDRE GARRETT	AMÉLIA GOMES
ANTERO CARDOSO	BELMIRA MACHADO
CÁRMEN CUNHA	CARMINA DE JESUS
CATARINA LOBO	CONCEIÇÃO MARTINS
EMÍLIA BARROS	ESMERALDA FERREIRA
FERNANDA COSTA	FILIPE ANTUNES
IRMÃZINHA ISABEL	IRMÃZINHA MONSERRAT
JOEL CLETO	LUÍS MOTA



DEPOIMENTOS

MARGARIDA BRAGA	MARIA DAS DORES
MARIA DE LOURDES	MARIA JOSÉ
MARIA JOSÉ FERREIRA	MATILDE SIMA
NARCISO COSTA	OTÍLIA A. SOUSA
PADRE ALMIRO MENDES	PADRE MANUEL NEVES
RAQUEL PEREIRA	ROSA AFONSO
ROSA CABRAL	ROSA CUNHA
RUI CUNHA	SUSANA SANTOS
TERESA SOARES	

























FILIFE ANTUNES
IRMÁZINHA ISABEL
IRMÁZINHA MARIA
IRMÁZINHA MONSERRAT
JOEL CLETO
LUÍS MOTA
MARGARIDA BRAGA
MARIA DAS DORES
MARIA DE LOURDES
MARIA JOSÉ
MARIA JOSÉ FERREIRA
MATILDE SIMA
NARCISO COSTA
OTÍLIA A. SOUSA
PADRE ALMIRO MENDES
PADRE MANUEL NEVES
RAQUEL PEREIRA
ROSA AFONSO
ROSA CABRAL
ROSA CUNHA
RUI CUNHA
SUSANA SANTOS
TERESA SOARES

Um Milagre Todos os Dias

Realização	HENRIQUE MANUEL PEREIRA
Produção	BEATRIZ FERREIRA HENRIQUE MANUEL PEREIRA
Montagem	KYLE SOUSA HENRIQUE MANUEL PEREIRA
Imagem	BEATRIZ FERREIRA BRUNA OLIVEIRA HUGO VASCONCELOS NUNO FONSECA
Captação de Som	BEATRIZ FERREIRA HUGO VASCONCELOS
Pós-produção de Som	RODRIGO FERNANDES FILIPE MOREIRA
Correção de Cor	ANTÓNIO PAULA
Desenhos	MARIA GIRALDES
Animação	LEONOR ARRIMAR
Grafismo	ANTÓNIO PAULA MIGUEL MAZEDA
Música	<i>Talvez Canção</i> (Original) VÍTOR NUNES PINTO
Arranjo e Piano	FILIPE MOREIRA

Agradecimentos

... a JOANA BAPTISTA, pela inteira cumplicidade;
a ANDRÉ BALTAZAR, HUGO SÁ, PEDRO OLIVEIRA,
VASCO ARAÚJO, e a quantos, de alguma maneira,
tornaram possível este documentário.

Porto, maio 2018



Um Milagre Todos os Dias

*Um documentário sobre
o Lar das Irmãzinhas dos Pobres*

Entrevista com o realizador

Homenagem às Irmãzinhas dos Pobres



*Um documentário sobre o
Lar das Irmãzinhas dos Pobres**

RUI SARAIVA

No próximo dia 5 de maio pelas 21h30 será apresentado no Auditório Ilídio Pinho, do Campus Foz da Universidade Católica do Porto, um documentário sobre o Lar das Irmãzinhas dos Pobres. Com a realização de Henrique Manuel Pereira e a produção da Escola das Artes da UCP-Porto, fica, assim, registada em longa-metragem uma das obras mais respeitadas e estimadas da cidade do Porto.

No início, as Irmãzinhas do Pobres revelaram alguma resistência à exposição mediática que este documentário poderia trazer. Depois, perante os argumentos do autor, as religiosas compreenderam o desafio e a importância da divulgação do seu trabalho em favor das pessoas idosas mais desfavorecidas. Deixando que a inspiração evangélica soprasse na intimidade humilde de quem através das “boas obras” é luz para o mundo, as Irmãzinhas dos Pobres autorizaram que fosse feito este documentário sobre o seu Lar. Uma instituição de grande importância e relevo para a cidade do Porto.

* “Plano Central: Um documentário sobre o Lar das Irmãzinhas dos Pobres: ‘Um Milagre todos os Dias’”. *Voz Portucalense* (25 abril 2018), p. 8.

Na expressão de Henrique Manuel Pereira, realizador do filme, “todos os dias ali acontecem milagres ou, de outro modo, sinais do Infinito no tempo”. Segundo nota enviada para a *VP [Voz Portucalense]*, este filme “com manifestações de humor e de solidão, de força e de fragilidade, de abnegada dedicação e criativo serviço, tendo por horizonte a última estação da vida”, apresenta-se como “um retrato realista do pulsar da vida” de uma instituição que “é uma das instituições mais apreciadas e estimadas da cidade do Porto”.

A nota refere ainda que o documentário “Um Milagre Todos os Dias” gira em torno da vida do Lar das Irmãzinhas dos Pobres contando com mais de três dezenas de depoimentos de residentes, funcionários, religiosas, voluntários e benfeitores. Esta congregação religiosa foi fundada por Santa Joana Jugan, francesa que foi beatificada por João Paulo II no dia 3 de outubro de 1982 e canonizada por Bento XV a 11 de outubro de 2009. Os pobres e os necessitados, em particular os mais idosos, foram a dedicação da sua vida e a missão da congregação que fundou.

As Irmãzinhas dos Pobres chegam ao Porto no ano 1895. A casa, sita na Rua do Pinheiro Manso, na zona da Boavista, foi aberta em maio de 1900. Segundo informa o realizador Henrique Manuel Pereira, “aquando da implantação da República e no quadro da expulsão das Ordens Religiosas, graças à cumplicidade da cidade do Porto e arredores, as Irmãzinhas dos Pobres foram a única instituição religiosa a permanecer, podendo assim continuar o seu extraordinário serviço em favor das pessoas idosas mais desfavorecidas”.

O filme “Um Milagre Todos os Dias” é uma longa-metragem, com a produção da Escola das Artes da Universidade Católica do Porto e a realização de Henrique Manuel Pereira. Este filme terá a sua estreia no sábado, dia 5 de maio, pelas 21h30, no Auditório Ilídio Pinho no Campus Foz da Universidade Católica do Porto, com entrada livre.

*Entrevista**

RUI SARAIVA

Em entrevista à VP, Henrique Manuel Pereira, realizador do filme “Um Milagre Todos os Dias”, recorda que o “santo” Padre Américo várias vezes se referiu ao Lar das Irmãzinhas dos Pobres no jornal “O Gaiato” com palavras de admiração e gratidão. Revela ainda que o saudoso bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos, era visita frequente e discreta daquela instituição. O filme “Um Milagre Todos os Dias” será apresentado no dia 5 de maio, pelas 21h30, no Auditório Ilídio Pinho na UCP-Porto no Campuz Foz.

RUI SARAIVA: *Como surgiu a ideia deste documentário?*

HENRIQUE MANUEL PEREIRA: Curiosamente, surgiu primeiro sob a forma de um livro sobre a presença e ação das Irmãzinhas dos Pobres no Porto. E certa tarde, no Calvário, em Beire, partilhei esse desejo com D. António Francisco. Fiquei sensibilizado ao ouvi-lo falar do seu enorme apreço por elas. Conhecia-as muito bem e só depois soube das discretas e frequentes deslocações que fazia ao Lar. Acordámos que seria ele a prefaciá-lo trabalho. Depois foi o que se sabe e, tomo agora consciência disso, a ideia do livro

* “Plano Central: Como uma família cristã”. *Voz Portucalense* (25 abril 2018), p. 9.

deu prioridade à do documentário. O Lar das Irmãzinhas dos Pobres foi, durante anos, a extensão da minha casa. Ali viveu minha Mãe porventura dos melhores momentos dos seus dias. Vivi e testemunhei muita vida, fragilidade e grandeza, sem aceção de pessoas, que nunca serei capaz de testemunhar nem agradecer devidamente. Tornou-se-me, pois, imperioso dar a conhecer a extraordinária ação das Irmãzinhas dos Pobres. Falei a um pequeno grupo de alunos da Escola das Artes e...

Este documentário recolhe dezenas de depoimentos. De que nos falam estas pessoas?

De modo explícito, falam-nos da vida, de pequenos pedaços da vida de cada um, de fragilidade, de solidão, de grandeza, de contentamentos e da alegria, da história da casa e das pequenas histórias e peripécias que nela são vividas, de Joana Jugan, fundadora das irmãzinhas, etc. Residentes, funcionários, voluntários, benfeitores... sem encenação nem ficção, falam da bênção que aquela Casa representa. De modo implícito, falam-nos de Deus. À maneira de Kazantzakis: “ – Irmã árvore, fala-me de Deus. / E a árvore cobriu-se de flores...”

Como descreveria a atividade do Lar das Irmãzinhas dos Pobres?

Como a de uma família cristã – usamos tão abusivamente esta palavra, sobretudo no âmbito das instituições, que hesito em dizê-la, mas não me ocorre outra mais ajustada.

Dizendo isso, diz-se tudo: amor, dedicação, generosidade, birras e ciúmes, refeições, limpezas, oração, cansaços, festa, preocupações, despedidas...

Tratar das pessoas idosas mais desfavorecidas é “Um Milagre Todos os Dias”?

Sim, e fazê-lo tendo necessidade de diariamente sair à rua a pedir ajuda para o poder fazer... e que isso aconteça com uma enorme dignidade, numa época em que “o orgulho, a busca da eficiência e a tentação dos meios poderosos circulam no mundo com muita facilidade e algumas vezes, infelizmente, na Igreja”, como escreveu João Paulo II... Isso são inequívocos e eloquentes “sinais da presença de Deus na história”.

Qual o objetivo deste documentário?

Dar a conhecer e despertar para o extraordinário carisma e invulgar ação das Irmãzinhas dos Pobres, no que respeita, em particular, à sua irradiação no Porto, onde se encontram presentes desde 1895. Não por acaso, em *O Gaiato*, o nosso “santo” Padre Américo, tantas vezes, expressou por elas o seu apreço, admiração, gratidão. Sim, devíamos estar-lhes gratos por elas fazerem sempre, em cada dia e hora, madrugadas incluídas, o que nós tão poucas vezes somos capazes de fazer: ter tempo, cuidar, amar aqueles que aos olhos de muitos são tão-só máquinas inutilmente avariadas e incómodas.

O filme contou com apoios?

Com nenhum tipo de apoio financeiro, um cêntimo que fosse. Na verdade, não os pedimos, não houve tempo. Mas contámos, o que não é pouco, com o equipamento da Escola das Artes (câmaras, salas de edição, etc.). Gostaria de sublinhar a entrega e entusiasmo do grupo de alunos que comigo trabalhou e a onda de cumprimentos que o filme foi gerando. Estou muito contente que o filme aconteça no âmbito das comemorações dos 50 anos da Universidade Católica Portuguesa, dos 40 do Centro Regional do Porto e dos 20 da Escola das Artes, onde sou professor. É como se o esforço de tantos que nos precederam e sonharam uma universidade realmente diferente fizesse sentido e os discursos e palavras, tantas vezes de circunstância, ganhassem carne e rosto.

Estão previstas outras exibições deste documentário?

Agendadas ainda não, mas gostaria muito que o filme fosse visionado de norte a sul de Portugal, além fronteiras, e também por gente “importante” e “desafogada”... Haverá instituições, auditórios, salas interessadas em exibi-lo, promovendo depois, por exemplo, uma conversa/debate/reflexão em torno das muitas perguntas que, através do filme, a vida faz? Estaremos disponíveis.

*Homenagem às Irmãzinhas dos Pobres**

M. CORREIA FERNANDES

A Universidade Católica Portuguesa (UCP), através da sua Escola das Artes (Porto), apresentou na noite de 5 de maio uma longa-metragem documental com o título “Um Milagre Todos os Dias”, da autoria de Henrique Manuel Pereira, em colaboração com um grupo de alunos seus daquela Escola, divulgando o Lar das Irmãzinhas dos Pobres, situado na zona do Pinheiro Manso, na cidade do Porto. A obra foi projetada em lugar nobre do polo da Foz da Católica, o Auditório Ilídio Pinho, e congregou pessoas ligadas por múltiplos laços à Congregação das Irmãzinhas do Pobres e ao Lar de Idosos do Pinheiro Manso que por elas vai sendo mantido.

O título “Um Milagre Todos os Dias” nasce da expressão das próprias irmãs, mas é referido como uma espécie de significativa síntese dita no final do filme por um dos utentes: um milagre todos os dias enquanto vós o fordes construindo. Explica o realizador que “Todos os dias ali acontecem milagres ou, de outro modo, sinais do Infinito no tempo”. No final uma das Irmãs^[1] contou episódios

* M. Correia Fernandes, “Cultura. Opinião: Escola das Artes da Católica homenageia Irmãzinhas dos Pobres”. *Voz Portucalense* (23 maio 2018), p. 15.

1 Irmãzinha Maria de la Trinité, natural da Madeira e atualmente numa das Casas das Irmãzinhas dos Pobres em Espanha.

simbólicos desse “milagre”, através de ofertas oportunas e inesperadas que tantas vezes, em momentos dramáticos, lhes vão chegando.

A obra fílmica é constituída por dezenas de depoimentos de colaboradores e de utentes, de religiosas, técnicos e voluntários, além de “personalidades da cultura”, como refere Henrique Manuel, entre os quais o Padre Almiro Mendes, que recorda vinte e quatro anos em que foi pároco de Ramalde, paróquia onde se situa o Lar.

Há também dados históricos, como os dramas vividos nos tempos da implantação da República ou das dificuldades económicas dos tempos da guerra. A tudo foi sobrevivendo a instituição, fundada pela francesa Joana Jugan (1792-1879), que foi beatificada por João Paulo II (1982) e canonizada por Bento XVI em 2009. A Congregação chegou ao Porto em 1895, e a casa do Pinheiro Manso foi inaugurada em maio de 1900. Segundo afirma Henrique Manuel Pereira, aquando a Implantação da República, “graças à cumplicidade da cidade do Porto e arredores”, as Irmãzinhas dos pobres foram “a única instituição religiosa a permanecer” e continuaram o seu “extraordinário serviço” em favor das pessoas idosas mais desfavorecidas.

Do conjunto do filme, construído entre a vivência, o drama quotidiano dos doentes, a dedicação de funcionários e voluntários, os trabalhos de manutenção diária, como a cozinha, a higiene e a procura do próprio equilíbrio

físico, sobressai a criatividade de muitos residentes, que recordam as suas vivências passadas, com cantos, teatro, poesia e mesmo dança, atividades orientadas para criar a possível qualidade de vida dos idosos, homens e mulheres para quem aquele espaço é o mundo.

Sobressai o carinho com que falam da maneira como ali são tratados e a satisfação com que trabalhadores e voluntários exprimem as vivências quotidianas.

Esta iniciativa merece uma especial referência: ela é mais uma demonstração da capacidade de atenção que Henrique Manuel Pereira tem vindo a operacionalizar na sua atividade de investigador e docente, aproximando a Faculdade e o Centro de Investigação das Artes (CITAR), ao universo de vidas quotidianas, como aconteceu com as figuras do Padre Américo e das Casas do Gaiato, em “Património (Cultural) dos Pobres”, do Padre Telmo Ferraz, da sua obra escrita e da sua ação cívica em “O Homem que do Lodo Fez Estrelas”, realidades de personalidades que procura compaginar com temas de investigação e divulgação literária e cultural, como a vida e obra de Guerra Junqueiro, em “Guerra Junqueiro: Fragmentos de unidade polifónica” ou “Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro: o Documentário”, ou os seus estudos sobre o pároco e arqueólogo brigantino Abade de Baçal, entre muitos outros temas.

No final do encontro, houve agradecimentos, afetivos e emotivos, aos colaboradores deste projeto, agradecimentos das religiosas membros da comunidade e uma

emblemática “canção de embalar”^[2], uma das mais belas sugestões deixadas por José Afonso:

Dorme meu menino a estrela d’alva
Já a procurei e não a vi
Se ela não vier de madrugada
Outra que eu souber será pra ti.

A outra estrela d’alva tanto será para o menino como para o homem ou mulher no fim da vida: para todos virá a estrela que cada um há de saber.

2 “Canção de Embalar”, de Zeca Afonso, foi interpretada ao piano por Leonor Arrimar, aluna do 1.º ano do curso de licenciatura em Som e Imagem, da Escola das Artes. O evento da estreia de *Um Milagre Todos os Dias* contou com um outro momento musical, por Filipe Moreira, aluno do 2.º ano da mesma licenciatura e Escola das Artes, interpretando, ao piano, arranjos de “Talvez Canção”, música de Vítor Nunes Pereira, compositor e advogado.

Ser/Fazer Parte

“As Irmãzinhas dos Pobres trabalham noite e dia na mais útil e ingrata forma da caridade que eu conheço. [...]

Metei um pouco das vossas economias no mealheiro das Irmãzinhas, um cêntimo que seja; acreditai que nunca o colocareis melhor.”

(Axel Munthe, *O Livro de San Michele*.

Trad. Jaime Cortesão)

Com base no folheto que as Irmãzinhas diariamente usam nos seus peditórios, podemos ser/fazer parte da comunidade do Lar das Irmãzinhas dos Pobres, do Pinheiro Manso, de diversos modos:

- Colaborando com um dia ou vários dias:
 - de pão € 40,00
 - de leite € 50,00
 - de água e gás € 80,00
 - de eletricidade € 75,00

- Enviando outro donativo, segundo as nossas possibilidades, via:
 - cheque bancário
 - vale postal
 - depósito ou transferência bancária:
NIB: 0018 0000 21911848001 30
IBAN: PT50 0018 0000 21911848001 30

- Oferecendo 0,5% do nosso IRS e do benefício de 15% do IVA suportado, inscrevendo, na declaração do seu IRS no rosto 11, linha 1101: Lar de Idosos – Irmãzinhas dos Pobres NIF/NIPC: 502 023 570
- Pode ainda colaborar com as seguintes modalidades de donativo:
 - Mensal Trimestral
 - Semestral Anual
 - Ou numa data importante para si
(aniversários, etc.)

Pode enviar os seus dados – Nome, Morada, C.P., Localidade, Telefone, E-mail – indicando, se desejar, o seu n.º de contribuinte.

Em todas as casas da Congregação, os velhinhos e as Irmãzinhas unem-se em oração quotidiana para pedir pelas intenções de todos quantos colaboram com a obra.

Todos os meses é celebrada uma Eucaristia pelas intenções dos benfeitores vivos e falecidos.

Lar de Idosos – Irmãzinhas dos Pobres
Rua Pinheiro Manso, 217
4100-412 PORTO

Tel: 22 616 61 90
E-mail: m.porto.idp@alfaexpress.net
www.irmazinhasdospobres.pt



O FILME E A MEMÓRIA

Um Milagre Todos os Dias

Documentário · Argumento

HENRIQUE MANUEL PEREIRA

Transcrição	KYLE SOUSA HENRIQUE MANUEL PEREIRA
Ilustrações	MARIA GIRALDES
Fotografias	ARQUIVO: IRMÃZINHAS DOS POBRES FESTAS/REPRESENTAÇÕES: ROSA CABRAL
Paginação e Capa	MARGARIDA BALDAIA
Edição	ALFORRIA
1.ª edição	JUNHO 2018
Impressão	PAPELMUNDE
ISBN	978-989-99914-3-9
Depósito Legal	443224/18

Henrique Manuel S. Pereira Professor da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (Porto). Doutor em Cultura pela Universidade de Aveiro, é membro do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Grupo de Estudos Literários e Culturais da Universidade de Aveiro; membro da direção do Instituto de Estudos de Religião; membro da direção e do Conselho Científico da Cátedra Poesia e Transcendência e de revistas académicas. Coordena o Projeto Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro e o Gabinete de Estudos Cinema, Património e Memória. Autor de vasta bibliografia, de que se destacam os trabalhos sobre Guerra Junqueiro e Cultura Portuguesa, tem sido distinguido com vários prémios e menções honrosas.

Jornalista, produziu, realizou e apresentou programas radiofónicos (RR, RFM e Antena 2); argumentista e produtor, realizou, entre outros: *Um Milagre Todos os Dias* (2018); *Talvez Canção* (2017); *Roda no Ar, Helder* (2017); *Telmo Ferraz: Mibangas e Frutos* (2013); *Eugénio Lisboa: Interminável referência* (2011); *Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro* (2011); *Angel of Bordéus: Aristides de Sousa Mendes* (com Joseph Ayella, 2006).

Este livro fixa o argumento da narrativa fílmica *Um Milagre Todos os Dias*, realizado por Henrique Manuel Pereira e produzido pela Escola das Artes (UCP-Porto).

Com manifestações de humor e de solidão, de força e de fragilidade, de abnegada dedicação e criativo serviço, tendo por horizonte a “última estação da vida”, o filme configura um retrato realista do pulsar da vida daquela que é uma das instituições mais apreciadas e estimadas da cidade do Porto: as Irmãzinhas dos Pobres, do Pinheiro Manso.

Na expressão do realizador, “todos os dias ali acontecem milagres ou, de outro modo, sinais do Infinito no tempo”.